

Concorrência estrangeira

Jorge Morales Arlando é o secretário-geral do Colégio Médico da Bolívia, a maior entidade médica do país. Atualmente, a Bolívia abriga 2,5 mil médicos estrangeiros enquanto há outros 10 mil médicos bolivianos desempregados. Nesta entrevista exclusiva ao JAMB, o cirurgião geral e cardiovascular comenta a atuação de médicos cubanos em seu país e as perspectivas para os 2 mil novos profissionais que se formam a cada ano, além dos que foram estudar no exterior.



Qual é a situação atual do médico boliviano no mercado de trabalho?

Jorge Morales Arlando – Está em uma posição difícil, porque não existe um orçamento nacional suficiente para cobrir as necessidades de saúde do povo boliviano. Hoje são investidos 113,7 milhões de dólares ao ano em saúde, o que representa 1,44% do nosso Produto Interno Bruto. Per capita, este valor é de 33,8 dólares, sendo que somente 29,2% correspondem a verbas do governo nacional. Formam-se anualmente cerca de 2 mil novos médicos, que não têm futuro em nosso país.

É verdade que 35% dos médicos bolivianos estão desempregados?

Morales – Dos cerca de 16 mil, somente 30% têm trabalho com salário fixo, e alguns de forma eventual, sendo 10 mil médicos bolivianos desempregados. O governo é o maior empregador, junto à seguridade social. Somente uns 5% dependem da atividade privada.

Por que o governo Evo Morales contratou médicos cubanos? A formação médica boliviana é deficiente?

Morales – O governo decidiu pelo ingresso de médicos cubanos no país com o pretexto de que não tem dinheiro para empregar os médicos bolivianos. E também argumentou que os médicos

bolivianos não queriam trabalhar nas áreas rurais. Isso não é verdade, já que a necessidade de trabalhar faz com que centenas de médicos participem de concursos onde quer que sejam os cargos. A formação médica universitária é boa e a pós-graduação também; sem dúvida cobrem as expectativas de saúde do nosso povo.

Quantos médicos cubanos há na Bolívia e em que área atuam?

Morales – Não temos um número exato, mas sabemos que são mais de 2,5 mil, distribuídos em áreas diferentes de todo o país, incluindo uma grande porcentagem nas principais cidades. Eles nunca certificaram sua condição de médicos; sabemos que muitos deles não o são e efetuam uma missão de conscientização no povo para favorecer o governo na nova Constituinte que se realiza na capital boliviana.

O sr. entende que eles estão tirando emprego de médicos bolivianos ou isso é temporário?

Morales – Na verdade, não estão tirando empregos, mas evitando que sejam geradas novas vagas para os médicos bolivianos. E o governo enviou 5 mil estudantes a Cuba há um ano e agora outros 5 mil à Venezuela, os quais em seu retorno ocupariam os cargos médicos que hoje têm os cubanos e os próximos a

serem criados. Cogita-se na Assembléia Constituinte o desdobramento dos empregos atuais a fim de dar espaço aos novos médicos que cheguem de Cuba, que estão realizando uma formação em apenas três anos.

Quantos médicos estão inscritos no Colégio Médico da Bolívia. Há excesso ou falta de médicos no país?

Morales – Temos aproximadamente 15 mil médicos inscritos. O número total é um pouco superior ao ideal para nossa população de 10 milhões de habitantes.

Como é a estrutura da classe médica?

Morales – O Colégio Médico da Bolívia é a entidade nacional máxima, com nove colégios departamentais e 36 colégios provinciais. Todos estão encarregados da parte gremial e científica. Também temos sociedades científicas responsáveis especificamente pela atualização das diferentes especialidades. E, por último, os sindicatos médicos, que correspondem à representação das diferentes instituições de saúde onde se trabalha.

Quantas escolas de medicina existem na Bolívia?

Morales – São sete universidades estatais de medicina e 14 privadas.